

**Evento:** XXVI Jornada de Extensão ▾**MAQUIAGEM E ARQUITETURA: UM DIÁLOGO ENTRE ESTÉTICA, TÉCNICA E EXPRESSÃO****Livia Sausen Hartmann², Dionatan Mânica dos Santos 2³**

¹ As referências do título e autor devem ser digitadas em Fonte Times New Roman 10, espaçamento simples. Informar a referência do título do trabalho. Por exemplo: projeto de pesquisa desenvolvido na Unijui; trabalho da disciplina xxxx; projeto de extensão realizado no xxxxxxxx....

² Bolsista; Livia Sausen Hartmann, estudante do curso Arquitetura e Urbanismo, Bolsista do programa de fomento: ciA CADAGY - Corpo em Movimento

³ Orientador(a) do projeto ciA CADAGY - Corpo em Movimento Dionatan Mânica, formado em Educação Física pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUI

INTRODUÇÃO

A maquiagem, no contexto da companhia CADAGY, assume um papel que transcende a estética superficial: ela se torna uma forma de expressão artística e narrativa que supre a precariedade de cenário nas apresentações teatrais, danças e circenses. Assim como a arquitetura projeta e constrói espaços físicos, a maquiagem atua como ferramenta de criação de espaços simbólicos e visuais no corpo do artista. Ambas compartilham elementos como proporção, camadas, iluminação e técnica — revelando um diálogo entre corpo e espaço, entre arte e função.

De acordo com Ching (2008), a arquitetura se estrutura a partir de princípios visuais como simetria, equilíbrio e hierarquia, aspectos igualmente aplicáveis à maquiagem artística, que constrói no rosto uma composição equilibrada e expressiva. Kandinsky (1991), ao explorar a relação espiritual entre formas e cores, ressalta que cada linha e cada tonalidade carregam significados afetivos e simbólicos — algo intensamente presente na maquiagem cênica que visa provocar emoção e narrativa visual. Já Arnheim (1986), ao tratar da psicologia da percepção visual, destaca que o ser humano busca naturalmente coerência e harmonia, o que reforça a maquiagem como elemento fundamental na construção de sentido visual em contextos cênicos com cenografia limitada.



METODOLOGIA

Durante o desenvolvimento das apresentações, observou-se que a maquiagem tornou-se um recurso essencial para a construção de atmosferas, personagens e narrativas. Em contextos onde há ausência de cenário físico ou estrutura cênica elaborada, a maquiagem projeta no corpo do artista os elementos que faltam no ambiente. As formas e cores aplicadas ao rosto e ao corpo funcionam como volumes arquitetônicos e texturas visuais, que dialogam com o movimento, a iluminação e o figurino. Essa prática estabelece uma equivalência simbólica com a arquitetura: a maquiagem estrutura, destaca, transforma e orienta o olhar do espectador.

A composição das maquiagens remete aos conceitos de “modulor” e escala humana propostos por Le Corbusier (2006), nos quais a proporção é utilizada para atingir harmonia e equilíbrio visual no corpo. Arnheim (1986) reforça que a percepção estética se baseia em relações formais que evocam estabilidade ou tensão, algo evidente nas maquiagens aplicadas segundo o tipo de personagem ou emoção a ser transmitida. A maquiagem também assume uma dimensão histórica e cultural, como apontado por Ioannou (2010), ao analisar sua função identitária e ritualística em diferentes civilizações — dimensão essa que é retomada pela companhia ao usar a maquiagem como linguagem simbólica em substituição aos elementos cênicos físicos ausentes. Finalmente, Eisner (2005) destaca que a arte possibilita outras formas de conhecimento sensível, o que reforça a maquiagem como prática expressiva e construtiva de significado, mesmo na ausência de infraestrutura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o desenvolvimento das apresentações, observou-se que a maquiagem tornou-se um recurso essencial para a construção de atmosferas, personagens e narrativas. Em contextos nos quais há ausência de cenário físico ou estrutura cênica elaborada, a maquiagem projeta no corpo do artista os elementos que faltam no ambiente. As formas e cores aplicadas ao rosto e ao corpo funcionam como volumes arquitetônicos e texturas visuais, que dialogam com o movimento, a iluminação e o figurino. Essa prática estabelece uma equivalência



simbólica com a arquitetura: a maquiagem estrutura, destaca, transforma e orienta o olhar do espectador.

A composição das maquiagens observadas remete aos conceitos de “modulor” e escala humana propostos por Le Corbusier (2006), nos quais a proporção é utilizada para atingir harmonia e equilíbrio visual no corpo. Arnheim (1986) destaca que a percepção estética se baseia em relações formais que evocam estabilidade ou tensão, algo evidente nas maquiagens aplicadas conforme o tipo de personagem ou emoção a ser transmitida.

Além da função estética, a maquiagem também atua como ferramenta pedagógica e de autonomia artística. De acordo com Camboim (2018), a maquiagem teatral vai além do embelezamento e deve ser compreendida como um recurso dramático e expressivo, parte integrante da construção do personagem. Em sua prática docente, a autora relata a importância da automaquiagem como uma estratégia formativa que permite ao ator assumir sua própria caracterização, especialmente em contextos teatrais com pouca estrutura técnica — realidade semelhante à da companhia CIA CADAGY. Camboim também destaca que a maquiagem deve dialogar com figurino, iluminação e cenografia, compondo uma linguagem visual integrada. A autora reforça o uso de elementos como formas geométricas e círculo cromático como base para decisões estéticas conscientes, fortalecendo o caráter simbólico e técnico da caracterização cênica.

Nesse mesmo sentido, Ioannou (2010) enfatiza que a maquiagem é uma prática ancestral carregada de significados identitários e rituais. No contexto da companhia, essas características são acionadas como alternativa simbólica para compensar a ausência de elementos cênicos tradicionais. Eisner (2005) reforça que as artes permitem formas de compreensão do mundo que vão além da racionalidade técnica, ressaltando a maquiagem como um meio expressivo legítimo e construtivo de sentido estético e performativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre a maquiagem como linguagem construtiva, este trabalho evidencia sua função arquitetônica no contexto cênico. A maquiagem deixa de ser apenas acabamento



visual e passa a ser estrutura simbólica e funcional, especialmente quando há escassez de cenário. No contexto da CIA CADAGY, a criatividade surge como potência frente à limitação, e a maquiagem como ferramenta de construção simbólica do espaço. Arquitetura e maquiagem compartilham, portanto, mais do que técnicas — compartilham o poder de transformar e comunicar através da forma. Ao criar no corpo aquilo que não se pode construir no espaço físico, a maquiagem mostra sua força enquanto arquitetura efêmera e performativa.

Além disso, ao considerar a maquiagem como uma linguagem visual que constrói atmosferas no corpo do artista, é possível aproximá-la ainda mais da noção de arquitetura como promotora de bem-estar. Souza (2023), ao tratar da relação entre espaço construído e qualidade de vida, propõe que elementos como luz, cor, textura e forma têm impacto direto nas emoções e nos comportamentos humanos. Assim como a arquitetura pode ser planejada para estimular estados sensoriais e afetivos, a maquiagem cênica, mesmo efêmera, constrói uma ambiência simbólica no corpo — transformando-o em espaço de narrativa e experiência. Essa convergência reforça que arquitetura e maquiagem, cada uma a seu modo, atuam como ferramentas potentes na criação de significados e atmosferas que transcendem o físico, tocando o campo do sensível e do simbólico.

Maquiagem. Arquitetura. Artes cênicas. Estética. Criação visual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOUZA, Amanda Lauro de. *Arquitetura do bem-estar: tessituras projetuais que abarcam a relação entre o espaço construído e a qualidade de vida*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2023.

ROMANO, Olívia Camboim. O ensino da maquiagem teatral. *Revista O Teatro Transcende*, Blumenau: Departamento de Artes – CCEAL da FURB, v. 23, n. 1, p. 21–31, 2018. Edição Especial dos 45 Anos de Artes na FURB. ISSN 2236-6644.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Pioneira, 1986.



CHING, Francis D. K. *Arquitetura: forma, espaço e ordem*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

EISNER, Elliot. *O que a educação pode aprender das artes*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

IOANNOU, Norbert Wolf. *História da maquiagem: da antiguidade aos dias atuais*. São Paulo: Publifolha, 2010.

KANDINSKY, Wassily. *Do espiritual na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LE CORBUSIER. *O modulator: ensaio sobre uma medida harmoniosa na escala humana universal*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.